

CIRCULAÇÃO DE INTELLECTUAIS NA PARIS N'AMÉRICA OS LEGADOS DE CHARLES WAGLEY NA AMAZÔNIA

Milton Ribeiro¹

milton.ribeiro@uepa.br

Aldair Freire²

aldairclktec@gmail.com

RESUMO: *O presente artigo tem como objetivo apresentar a presença de intelectuais na Amazônia, priorizando o século XX, com a intenção de olhar primeiramente a circulação e os trânsitos pela cidade de Belém-PA. Em segundo lugar, daremos ênfase à trajetória intelectual de Charles Wagley, considerado como o primeiro brasileiro. Por fim, destacaremos e os legados acadêmicos de sua presença na Amazônia.*

Palavras-chave: *circulação de intelectuais. Charles Wagley. Amazônia.*

ABSTRACT: *This article aims to present the presence of intellectuals in the Amazon, prioritizing the twentieth century, with the intention of looking first at the circulation and transits through the city of Belém-PA. Secondly, we will emphasize the intellectual trajectory of Charles Wagley, considered as the first Brazilianist. Finally, we will highlight and the academic legacies of his presence in the Amazon.*

Keywords: *circulation of intellectuals. Charles Wagley. Amazon.*

1 Antropólogo e Cientista Social. Professor de Ciências Sociais no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará, com lotação no Campus X/Igarapé-Açu. Doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará.

2 Graduando em Ciências Sociais (UFPA). Bolsista Voluntário do projeto LIS-EA/UFPA (2015-2016). Bolsista do projeto de pesquisa Charles Wagley como articulador interinstitucional“ (2015-2017). Integrante do Pet/GT/CS (2015-2017). Integrante do projeto de extensão “Diálogos em Cabana de Caboco” (2016-2017).

INTRODUÇÃO

A cidade de Belém possui inúmeras denominações advindas de estrangeiros e viajantes que a desbravam desde o período colonial: “paraíso dos naturalistas”, “paraíso dos etnógrafos”, “Paris do Sol”, “Paris n’América” e “cidade das mangueiras”. Ela pertence à Amazônia, o “inferno verde”, e aparece na história do Brasil como parte do outro *brasil* colonial, o Estado do Grão-Pará e Maranhão, em 1616, com o nome de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. O estado encontrou seu fim em 1774, na sua unificação ao Estado do Brasil, mas a cidade manteve-se como capital do Estado do Pará, após a Província do Pará reconfigurar-se pós-Proclamação da República, em 1889 (COSTA, 2009, p. 736; MAUÉS, 2011, p. 81; SCHWARCZ, 1993, p. 84; SILVA, 2014; PEDROSA, 2013).

A região e a cidade, que neste ano completou 400 anos, são frutos de movimentos políticos que resultaram na divisão geopolítica da região como produtora de matéria-prima e da cidade como a principal sede político-administrativa dos ciclos econômicos amazônicos, como o ciclo da borracha e sua *Belle Époque*, nos meados do século XIX, e os grandes projetos, do século XX. Nesta constelação de referências, ambas entram para a história como um lugar idílico, mágico, um verdadeiro eldorado; sobretudo a partir da leitura territorial como vasto e abundante em riquezas naturais.

A era de ouro trazida pela *economia gomífera* permitiu que a cidade se transformasse num centro dinâmico e ativo na economia da região, de onde derivam grande parte das construções arquitetônicas do centro antigo da cidade, como os palacetes, casarões, sobrados, mercados e o *Theatro da Paz*; fruto do investimento urbanístico que tentava imitar as capitais europeias, como Paris, e não obstante a criação da sua própria *boulevard* – a Boulevard Castilho França, no centro da cidade – articulando a sanitização e higienização à ideia de urbanização. E que depois sofreu o impacto violento do final do período dourado, que teve seu apogeu entre os anos de 1890 e 1911, com o deslocamento do centro gomífero para outra região do planeta.³

Portanto, o presente artigo tem como objetivo apresentar a presença de intelectuais na Amazônia, priorizando o século XX, com a intenção de olhar primeiramente a circulação e os trânsitos de intelectuais pela cidade de Belém-PA. A ideia aqui não é a de se ater às obras, produtos e resultados dessas pesquisas, viagens e interpretações, mas entender as motivações que permitiram com que essas/es intelectuais escolhessem a capital paraense como ponto de

3 Oliveira, Trindade e Machado (2012) apresentam um interessante cenário deste ciclo econômico fundamental para o desenvolvimento urbano na Amazônia, principalmente para Belém e Manaus, e os impactos causados pela decadência pós-ciclo.

partida e chegada dando ênfase à figura do antropólogo americano Charles Wagley, o primeiro brasilianista a desbravar os rios paraenses.

A CIRCULAÇÃO DE INTELLECTUAIS NA AMAZÔNIA

Durante os séculos XVIII e XIX, a Amazônia, e Belém especialmente, foram alvos de várias expedições científicas interessadas nas suas riquezas naturais, na fauna e flora amazônicas. Uma das mais famosas expedições foi encabeçada pelo naturalista francês Charles-Marie de la Condamine (1701-1774), que narrou, em 1745, à Academia de Ciências de Paris, sua descida pelo rio Amazonas e as visões sobre os indígenas da Amazônia; suas formas de ser e viver e a luta pela sobrevivência foram alvo das especulações deste viajante (SAFIER, 2009).

Juntaram-se, a esta primeira grande experiência na região, em momentos posteriores: o geógrafo alemão Alexander von Humboldt (1769-1859), em expedição pela América do Sul, na foz do Rio Amazonas (QUADROS, 2003); os bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826), zoólogo, e Carl Fiedrich Philipp von Martius (1794-1868), botânico, em 1819, na missão da Real Academia de Munique (Lisboa, 1995, p. 76); o zoólogo suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), na Expedição Thayer, em 1865 (KURY, 2001); além de outros naturalistas e viajantes (COSTA, 2009; SCHARWCZ, 1993; SILVA, 2010).

Ademais, é interessante perceber como **o trânsito de intelectuais se mantém, com forte presença de acadêmicos, cientistas, cronistas** da vida social e poetas interessados nos aspectos idiossincráticos das *comunidades amazônicas* no século XX. Na década de 1910, desde 1913 aproximadamente, Curt “Nimuendajú” Unckel (1883-1945), etnólogo alemão, mantém residência no Pará, onde foi chefe da Seção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi, a partir de 1920; realizando concurso novamente entre 1940 e 1945, quando faleceu entre os Tükuna (FIGUEIREDO, 2009, p. 214; MAUÉS, 2011, p. 77; SCHADEN, 1967-1968).

Na década de 1920, mais especificamente em 19 de maio de 1927, chega à Belém o poeta Mário de Andrade (1893-1945), autor de *Macunaíma* e criador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Ele atravessa **o país com a Missão de Pesquisas Folclóricas, de São Paulo**, inventariando a cultura popular amazônica (FIGUEIREDO, 2009; LEAL, 2011). Nomeia a empreitada de “Viagem pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega” e chega até a Amazônia peruana e boliviana a bordo dos *S. Salvador* e *Vitória* (FIRMO, 2015, p. 11 e 12).

A década de 1940 conta com a presença do brasilianista Charles “Chuck” Wagley (1913-1991), antropólogo americano, na Amazônia. Ele conhecia o Brasil desde 1938, trazido por Alfred Metraux, que o incentivou a estudar os Tapirapé, e, entre 1941 e 1945, na companhia de Eduardo Galvão faz pesquisa de campo entre os Tenetehara do Maranhão. Posterior-

mente, a partir de 1948, passa a residir em Gurupá (*Itá*), no Pará (FIGUEIREDO, 2009, p. 286; COSTA, 2009; MAUÉS, 2011; SÁ, 1998).

Durante a década de 1940, a partir de janeiro até julho de 1944, residiu em Belém a escritora Clarice Lispector (1920-1977), autora de *Perto do Coração Selvagem*. Ela acompanha o marido diplomata encarregado por intermediar relações do Itamaraty com as autoridades estrangeiras residentes em Belém, ou de trânsito pela capital paraense via Base Aérea de Belém; base militar criada no bairro de Val-de-Cans pelos *aliados* durante a II Guerra Mundial (GOTLIB, 2009, p. 202).

Na década de 1960, o casal de filósofos Simone de Beauvoir (1908-1986) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) passa por Belém no início de outubro. Indo em direção à Cuba, convidados por Fidel Castro, ele lança livro sobre aquele país no dia 2 de outubro em livraria da cidade (FRAGMENTOS, 2016a e 2016b; SIMONE, 2016). Ainda em 1960, o casal de antropólogos norte-americanos Ruth e Seth Leacock estiveram em Belém por sete meses, entre 1962 e 1963, e posteriormente, em 1965, por mais dois meses, estudando os *batuques*, as práticas afro-religiosas nos *terreiros* belemenses (LEAL, 2011, p. 21).

Durante o Carnaval de 1960, a poeta americana Elizabeth Bishop (1911-1979) esteve em Belém. Em carta datada de 15 de fevereiro de 1960, e endereçada ao poeta Robert Lowell (1917-1977), que morava em Nova York, a poetisa avisa que sairá do Rio de Janeiro em direção à “boca do Amazonas” para uma pequena temporada (PIAUI, 2009); inspirada pela obra de C. Wagley (*Amazon Town*), e pela vida na Amazônia, escreveu o poema *The Riverman* (COSTA; NENEVÉ, 2013).

Na década de 1970, dois importantes personagens para os estudos de sexualidade na área das Ciências Humanas aportam em Belém: Peter Fry (1931-) e Michel Foucault (1926-1984). O antropólogo inglês vem à Belém interessado na articulação entre cultos afro-brasileiros e homossexualidade masculina nos *terreiros* da periferia da cidade; em 1974, passa quatro semanas e meia acompanhando as movimentações destas *casas de santos*. A partir desta breve passagem, orientado pelas observações sobre os *batuques* realizadas por Anaíza Vergolino e Napoleão Figueiredo, e acolhida em Belém por ambos, ele conseguiu estabelecer conexões locais e escrever dois textos referenciais nos estudos das sexualidades no Brasil (PUCCINELLI; RIBEIRO; REIS; SOLIVA, 2014; SILVA, 2015).

O filósofo francês aportou no Brasil pela primeira vez em 1965, e mantém visita anual entre 1973 e 1976. No entanto, vem à Belém apenas em 1975; visita o arquipélago Marajó e a ilha de Mosqueiro, distrito de Belém. No ano seguinte, em 1976, a convite de Benedito Nunes, retorna para ministrar uma série de conferências e cursos na Universidade Federal do Pará (FRAGMENTOS, 2016c; GUIMARÃES; CASTRO, 2011; RODRIGUES, 2011).

CHARLES WAGLEY E A AMAZÔNIA

O antropólogo americano Charles Walter Wagley (1913-1991)⁴, de acordo com Richard Pace (2013), seu orientando, foi: “*a Boasian-trained American anthropologist, Indigenist, and Brazilianist, is considered a pioneer in Amazonian ethnology and race/ethnic studies in the Americas*”⁵. Porém, apesar da orientação direta do pai da antropologia americana, Franz Boas (1858-1942), foi sob influência de Ruth Benedict (1887-1948) e Ralph Linton (1893-1953), mas principalmente de Ruth Bunzel (1898-1990), que ele desenvolveu sua pesquisa de doutorado na Guatemala a partir de 1937.

Ele graduou-se em 1936 e obteve o título de doutor em 1941, ambos em *Columbia University*, com dissertação intitulada *Economics of a Guatemalan Village*. E seus escritos foram marcados sobretudo pela perspectiva do particularismo histórico, de Boas, e da ecologia cultural, de Julian Steward (1902-1972). ⁶Porém, é forte a marca dos estudos sobre aculturação e os chamados estudos de comunidades em voga à época.

No entanto, antes do término da pesquisa doutoral, ainda em 1939, com o apoio de Heloísa Alberto Torres (1895-1977)⁷, do Museu Nacional-RJ, e com o auxílio de Alfred Métraux (1902-1963), Wagley chega ao Brasil, indo à região do rio Araguaia estudar os Tapirapé, no Mato Grosso, durante 15 meses. Durante este período de campo, ele adquiriu malária. E, após perder contato com o brasilianista, o Museu Nacional resolveu enviar uma equipe para encontra-lo (PACE, 2014).

4 Ele era chamado de “Wagley” pelas/os colegas brasileiras/os (DAMATTA, 2014, p. 620) e de “Chuck” por outras/os em correspondências ou em relações pessoais (PACE, 2014, p. 597).

5 Um antropólogo americano com treinamento boasiano, indigenista e brasilianista, é considerado um pioneiro em etnologia amazônica e nos estudos étnicorraciais nas Américas.

6 Cf. Agra (2015, p. 33).

7 Cf. Corrêa (2003) – especialmente o Capítulo IV “Dona Heloisa & A pesquisa de campo”.



Nesta equipe estava Eduardo Galvão (1921-1976), de quem se tornou amigo pessoal e parceiro profissional até a morte deste em 1976, e sob o qual pesa o título de primeiro doutor brasileiro em Antropologia; tendo estudado em Columbia sob orientação de C. Wagley.

Charles Wagley visitou pela primeira vez Gurupá em 1942, durante os esforços em levar orientações sobre educação e saúde para os habitantes do Vale Amazônico, “dentro do chamado ‘esforço de guerra’” (SÁ, 2011, p. 111). Em 1948, regressa à Itá acompanhado de sua esposa Cecília Roxo, de seu orientando e amigo Eduardo Galvão, juntamente acompanhado de sua esposa Clara Galvão, para realizarem a pesquisa de campo que possibilitou a construção dos livros: *Uma comunidade amazônica: um estudo do homem nos trópicos*, publicado originalmente em inglês, em 1953, de C. Wagley; e *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá*, tese de doutorado, publicada em português em 1976, de Eduardo Galvão. Em ambas as publicações é possível observamos a descrição da vivência do homem amazônico, os problemas enfrentados em seu cotidiano e as relações sociais estabelecidas na comunidade de Itá (LEITÃO, RIBEIRO *et al*, 2016, p. 289).

As relações de troca, de contato e a formação de redes pessoais e profissionais podem ser avaliadas a partir da imagem acima, na qual podemos ver, da esquerda para a direita: Édison Carneiro (1912-1972), Raimundo Lopes (1899-1941), Charles Wagley, Heloisa Alberto Torres, Claude Lévi-Strauss, Ruth Landes (1908-1991) e Luís de Castro Faria (1913-2004), no Museu Nacional, em 1939 (CORRÊA, 2003, p. 55; CORRÊA, 2013, p. 38).

De acordo com Pace (2014, p. 599): “Apesar de Lévi-Strauss ter dado crédito a Lowie para o conhecimento crítico que dirigiu suas futuras pesquisas sobre parentesco, foi Wagley, na verdade, quem explicou a Lévi-Strauss, no Brasil, os detalhes sobre os diferentes sistemas terminológicos e de descendência”. Possivelmente, à época desta fotografia, ainda em 1939.

Em 1940, casa-se com Cecília Roxo. E a partir de 1941, já na companhia de E. Galvão, desenvolve sua segunda pesquisa com os Tenetehara, no Maranhão.

With the entry of the US into World War II, Wagley was recruited to join SESP (the newly formed Brazilian public health organization) to aid efforts to improve health of rural workers for the purpose of increasing the extraction of key war-time resources. Wagley worked in the Amazon with rubber tappers – setting up health posts and producing culturally appropriate educational materials on health and malaria prevention. His work – one of the earliest examples of applied medical anthropology – proved of such value that the Brazilian government presented him with the prestigious Medal of War and named him to the National Order of the Southern Cross (an honor given to foreigners in recognition of significant service to the nation)⁸ (PACE, 2013).

Essas honrarias foram dadas em 1945 e 1946 e, de acordo com Isabel (Betty) Wagley Kottak, sua filha, ele “tinha muito orgulho disso, e sempre dizia que foi nesse tempo que ele conheceu muitos brasileiros de todas as profissões: acadêmicos, jornalistas, médicos...” (2007, p. 76). A partir de 1948, os casais de amigos, Wagley e Cecília/Galvão e Clara, iniciaram pesquisa de campo em Gurupá, no Pará – a famosa Itá nos textos de ambos.

Charles Wagley visitou pela primeira vez Gurupá em 1942, durante as atividades

⁸ Com a entrada dos EUA na II Guerra Mundial, Wagley foi recrutado para se juntar ao SESP [Serviço Especial de Saúde Pública] (organização de saúde pública brasileira recém-criada) para auxiliar nos esforços em melhoria da saúde dos trabalhadores rurais com a finalidade de aumentar a extração de recursos-chave em tempos de guerra. Wagley trabalhou na Amazônia com os seringueiros – na criação de postos de saúde e produção de materiais educativos culturalmente apropriados sobre saúde e prevenção de malária. Sua obra – um dos primeiros exemplos aplicados de antropologia médica – provou ser de tal valor que o governo brasileiro condecorou-o com a prestigiosa Medalha de Guerra e nomeou-o à Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul (uma honraria concedida aos estrangeiros em reconhecimento ao significativo serviço à nação).

desenvolvidas com base nas orientações sobre educação e saúde para os habitantes do Vale Amazônico, “dentro do chamado ‘esforço de guerra’” (SÁ, 2011, p. 111).

Em 1948, regressa à Itá acompanhado de sua esposa Cecília Roxo, de seu orientando e amigo Eduardo Galvão, juntamente acompanhado de sua esposa Clara Galvão, para realizarem a pesquisa de campo que possibilitou a construção dos livros: *Uma comunidade amazônica: um estudo do homem nos trópicos*, publicado originalmente em inglês, em 1953, de C. Wagley; e *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá*, tese de doutorado, publicada em português em 1976, de Eduardo Galvão.

Em ambas as publicações é possível observamos a descrição das vivências e modos de vida do homem amazônico, os problemas enfrentados em seu cotidiano e as relações sociais estabelecidas na comunidade, principalmente no que dizia respeito às práticas de cura, a relação entre saúde e doença e sobre a alimentação de ribeirinhos.

Na imagem abaixo, Charles Wagley e o jornalista e escritor paraense Dalcídio Jurandir aparecem a bordo do embarcação chamada *Paraguassú*, rumo às expedições do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), por meio da Divisão de Educação Sanitária, no vale amazônico (PACE, 2014, p. 690).

As expedições tinham como objetivo construir bases profiláticas entre os habitantes da região. E contava, dentre as diversas modalidades de aplicação de uma antropologia prática, com o projeto de *slide sounds* para orientar a população sobre as doenças locais, principalmente a malária. Desenvolveram assim um amplo trabalho de sensibilização das autoridades locais sobre as doenças que acometiam a população à época.

E, para resolvê-las, seu ponto de partida era o diálogo intenso com a população local, numa tentativa de traduzir o saber local a partir das categorias nativas; assim como do entendimento sobre saúde e doença e uso de conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais da região.



A partir de um verdadeiro esforço internacional, como parte da campanha iniciada nos EUA para erradicação de doenças na Amazônia, como a malária, e parte de um contexto político de bloqueio de ideais comunistas na Latino-América, e no respeito às premissas antropológicas indicadas acima, contado para isso com a parceria de Walt Disney (1901-1966), contratado via Instituto de Assuntos Interamericanos – do qual Wagley foi representante a partir de 1941 –, foram realizados filmes educativos sobre prevenção e combate às doenças tropicais, como *Guerra de mosquitos* e *Sementes de ouro*, que eram animações descontraídas, com a missão de entreter e orientar a população (SESP, 1941; LEITÃO; RIBEIRO et al, 2016).

As primeiras cidades que receberam o projeto foram Breves, Cametá, Abaetetuba e Gurupá e Wagley sempre demonstrou entusiasmo ao conhecer as populações que viviam ao redor do vale amazônico – na região do Baixo Tocantins e na região do Baixo Amazonas – de acordo com a imagem abaixo. A cada experiência, ele demonstrava um grande interesse de conviver com a população, principalmente na cidade de Gurupá (SESP, 1945; LEITÃO; RIBEIRO et al, 2016).



Passados os anos, e mantendo ainda um intenso intercâmbio entre o Brasil e os EUA, Charles Wagley atuou como interlocutor da cooperação técnico-científica desenvolvida entre a *University of Florida* e a Universidade Federal do Pará, no ano de 1974. Este acordo contribuiu para o fortalecimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da UFPA. E ajudou na formação de antropólogos brasileiros, orientados por ele, naquela universidade.

Este núcleo, inaugurado em 1973, nasce como uma unidade acadêmica instituída para o ensino de pós-graduação, via Curso de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM), com o objetivo de analisar as perspectivas econômicas e sociais do território amazônico. Este núcleo continua como um polo importante de pesquisas direcionadas principalmente para o planejamento e desenvolvimento local; ainda importante na análise e construção de políticas públicas para a região.

Neste período, embora estivesse já de volta aos EUA, Wagley continua a observar as formas de desenvolvimento da região impostas pelo Governo Federal – que após o Golpe de 1964 era chefiado por militares – e faz uma crítica à construção da Rodovia Transamazônica⁹, publicada em 1975, no prefácio à segunda edição de *Uma comunidade amazônica*, afirmando os riscos e danos socioambientais causados pelo empreendimento **às populações locais** – depois desenvolveu pesquisa sobre esta questão com seu orientando Emílio Mouran.

⁹ É a BR 230, inaugurada em 1972, que liga a cidade de Cabedelo, na Paraíba, à Lábrea, no Amazonas – cortando sete estados brasileiros.

As parceiras desenvolvidas entre Charles Wagley e seus orientandos, e principalmente com Eduardo Galvão, foram frutíferas por vários motivos: 1) a presença de ambos em Itá possibilitou a elaboração das duas monografias sobre as práticas e modos de vida ribeirinho citadas acima; 2) a experiência de antropologia aplicada trazida por C. Wagley ajudou no fortalecimento da ciência antropológica no Museu Paraense Emílio Goeldi, e posteriormente na Universidade Federal do Pará, com a presença de Arthur Napoleão Figueiredo à frente – que dá nome ao Laboratório de Antropologia desta IES; 3) a construção dos seminários de formação em antropologia continuados por Eduardo Galvão no MPEG; 4) a construção do Centro de Estudos Sociais e Culturais da Amazônia (CESCA) no âmbito do MPEG, coordenado por E. Galvão e Oracy Nogueira, que contou com C. Wagley como professor-visitante; 5) a orientação de estudantes da Amazônia em programas de pós-graduação nos EUA, como E. Galvão; 6) a construção de centros e projetos voltados para a Amazônia nos EUA, inclusive com estudantes americanos estudando a região.

OS LEGADOS DE “CHUCK” WAGLEY

Em reunião na Áustria, em 1967, no *Burg Wartenstein*, intitulada “Reunião para a Integração do Ensino com as Pesquisas Antropológicas”, da qual participaram Egon Schaden e Roberto Cardoso de Oliveira apresentando os centros antropológicos do país – notoriamente os do sul-sudeste, particularmente os da USP e do Museu Nacional –, na ocasião, intrigado com a ausência de centros importantes no N/NE, E. Galvão acaba por criar o Centro de Estudos Sociais e Culturais da Amazônia (CESCA), que atuaria na área correspondente à Amazônia Legal, no ano seguinte, em 1968.

Como antecedentes importantes para a criação do CESCA é necessário fazer referência aos cursos ministrados de 1942 a 1968 no Museu Paraense Emílio Goeldi por Curt Nimuendaju. Assim, os primeiros três cursos de etnologia aconteceram entre os anos de 1942-1943.

No entanto, depois desse período, houve uma pausa nas organizações de cursos porque o Museu passou por uma crise, que sairia apenas em 1954. Neste período, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) firmou um acordo com o governo do Estado do Pará e a partir daí o Museu Goeldi seria administrado e recuperado pelo INPA durante 20 anos (FURTADO, 2015).

No final da década de 1950, E. Galvão começou a atrair etnólogos, arqueólogos e técnicos para compor a Divisão de Antropologia, atual Coordenação de Ciências Humanas (CCH). Com um número crescente de profissionais, Galvão começou a pensar em cursos regulares no MPEG. E a partir de 1957, quando Eduardo Galvão já estava na coordenação da Divisão de Antropologia, os cursos voltariam, porém de maneira esporádica. A DA, ainda em

1957, sistematizou uma exposição temporária sobre “usos e processos de fabricação de *curare*”¹⁰ (GALVÃO, p. 6, 1957).

Em 1962, em colaboração com a cadeira de “Etnografia do Brasil” – da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará –, técnicos da Divisão de Antropologia participam do “Curso de Extensão Universitária” tendo como temática a “arqueologia e etnologia na Amazônia” (GALVÃO, 1962, p. 1-2).

Então, o Centro surgiu em 1968 mediante convênio entre o MPEG e a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), com apoio logístico oferecido pelo primeiro, sob a coordenação do antropólogo Eduardo Galvão e do sociólogo Oracy Nogueira (FURTADO, 2016)¹¹.

Este foi um desdobramento e uma ampliação da antiga Divisão de Antropologia, coordenado por E. Galvão, que tradicionalmente tinha áreas como a Etnologia, Arqueologia, Linguística e a Antropologia Física – esta última cogitada a desaparecer por falta de especialista.

Com o Centro de Estudos surgiu um novo setor, o de sociologia, uma vez que o Centro visava a formação de técnicos, professores universitários, bolsista do Museu Goeldi e funcionários de várias instituições ligadas ao desenvolvimento da Amazônia (ARNAUD, 1981). Assim como, a ativação de pesquisas socioculturais, para estudarem e pesquisarem “as mudanças amazônicas” (FURTADO, 2016) e o “homem da Amazônia: índios, caboclos e urbanistas” (GALVÃO, 1968). O Centro, em alguma medida, servia para atender programas desenvolvimentistas na região amazônica e os cursos eram baseados em “seminário-pesquisa”.

No início da década 1960, no Museu Goeldi, na área da antropologia, por meio de ensino e orientação, aconteciam os cursos-base, estágios, supervisão e/ou assessoramento, justamente como solução para a formação de técnicos e profissionais das/em ciências humanas. Contando com as experiências anteriores de seminários e cursos, E. Galvão e O. Nogueira, no primeiro momento, visaram criar um curso intensivo de pós-graduação (especialização) com duração de cinco meses, de julho a novembro do ano de 1968, intitulado “Pesquisa Social na Amazônia”.

Para a administração das aulas e as pesquisas foram contratados, por rodízio, professores do sul-sudeste do país, principalmente de São Paulo: Eva Blay, Cândido Procópio Camargo, George Fukui, Léa Rocha, Lia Fukui, Mário Wagner, May Souza Rubião, Paulo Sadroni, Paulo Singer, Aparecida Gouveia, Suarez Lopes e Mário Carneiro Leão (FURTADO, 2016; ARNAUD, 1981).

10 É uma mistura de várias plantas que paralisa o sistema nervoso, utilizada por indígenas na ponta da flecha, que se encontra principalmente na América do Sul, também servindo como anestésico

11 Entrevista com a professora Lourdes Furtado, em 20 de junho de 2016.

Expedito Arnaud (1981) afirma que foram 42 alunos inscritos, sendo que 30 concluíram o curso. Segundo Galvão (1969) participaram deste pessoas ligadas à Universidade Federal do Pará, IBGE, SESC, Secretária de Saúde, Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP) e outras instituições; das mais variadas áreas do conhecimento. E nesta fase alguns dos alunos eram: Samuel Spener, Isolda Maciel Silveira, Pedro Salles, Isidoro Alves, Roberto Cortez, Padre Lisbino Garcia, Zulima Dias, Samuel Sá e outras/os.

Os cursos que o CESCA organizava, de acordo com Orlando Sampaio Silva (2007), tiveram desdobramento imediato: novos pesquisadores para a instituição e a ampliação da quantidade de projetos voltados para pesquisas de áreas rurais da região amazônica – campo de interesse de E. Galvão.

Assim, o CESCA estabeleceu um marco na história das Ciências Humanas no MPEG, e na região amazônica, exatamente por ampliar os horizontes dos estudos antropológicos, passando a pesquisar o meio rural e urbano. Desde então pescadores, agricultores e logicamente as populações indígenas começaram a fazer parte das preocupações científicas do Museu.

O grupo de pesquisa RENAS¹² é um exemplo que se originou por meio da ideologia do CESCA, com um forte legado de professores como: Expedito Arnaud, Mario Simões, Edson Dinis, Protásio Frikel, Roberto de Las Casas, Ruth Wallace, Frederico Barata, Ivelise Rodrigues, Napoleão Figueiredo e E. Galvão. Contando também com pesquisadores visitantes, dentre eles: Charles Wagley, Judith Shapiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Darcy Ribeiro, Noel Nutels, Eduardo Viveiros de Castro, Eunice Durham, Paulo Vanzolini, Roberto DaMatta, Otávio Velho, Luís de Castro Farias, Lux Vidal, Klaas Woortman, Carlos Moreira Neto e outras/os (FURTADO, 2015).

É notório que E. Galvão foi responsável pela formação de vários pesquisadores do Museu Goeldi, seguindo o legado de Charles Wagley, mantendo a preocupação com a formação, principalmente de amazônidas; intercâmbio cultural para aprimoramento de seus bolsistas e estagiários; lembrando também da renovação dos estudos antropológicos na/em Amazônia.

O interesse de Galvão foi proporcionar “[...] programas de preparação de pesquisa em antropologia [...]”, análogos aos que Wagley fundou nos Estados Unidos – programas focados na América Tropical¹³ (SILVA, 2007, p. 49). Galvão percebeu que havia necessidade de unir ensino e pesquisa para potencializar os alunos, se possível por meios de bolsas e/ou auxílios, e encaminhar a centros nacionais ou internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

12 Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia: Relações do Homem com o seu Meio Ambiente.

13 Sobre os programas fundados por Wagley, ler o artigo de Marianne Schmink.

O exercício etnográfico e memorialístico aqui apresentado tem como objetivo reconstruir os passos e andanças destes intelectuais na/pela Amazônia durante o século XX, direcionando um olhar para a produção antropológica e os legados deixado por Charles Wagley, seja na elaboração de políticas para a população ribeirinha, seja na articulação institucional com órgãos brasileiros e estrangeiros, e na formação de profissionais e técnicos conhecedores da vida amazônica. A apresentação de um panorama de circulação evidencia uma das peculiaridades da região: o fascínio exercido pela exuberância de seu território e de sua floresta, da fauna e flora, e um lugar especificamente construído no imaginário social a partir do exótico, do não-familiar, e até mesmo do idílico. Com isto posto, (re)conhecer **o trânsito de artistas, acadêmicos e cientistas pela/na Amazônia** é entender como as imagens e memórias sobre a região são disseminadas pelos viajantes estrangeiros e são articuladas aos saberes, práticas e culturas vividos *in loco*.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Klondy. *Águas da Amazônia: sentidos, percepções e representações*. 222 f. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: UFPR, 2015.
- ARNAUD, Expedito C. Os estudos de Antropologia no Museu Emílio Goeldi. In: *SUPL. ACTA AMAZONICA*. Belém. 1981. P. 137-148.
- CORRÊA, Mariza. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. *Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da Antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- COSTA, Antônio Maurício. Pesquisas antropológicas urbanas no “paraíso dos naturalistas”. In: *Revista de Antropologia*, v. 52, n. 2, 2009, p. 735-761.
- COSTA, Alex; NENEVÉ, Miguel. The riverman: a invenção da Amazônia em Elizabeth Bishop. In: *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé*, v. 1, n. 1, 2013, p. 1-13.
- FIGUEIREDO, Aldrin. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*. Belém: EDUFPA, 2009.

FIRMO, Adrienne. Mário de Andrade: fotografo | etnógrafo | poeta. In: Catálogo da Exposição “Mário de Andrade: fotografo | etnógrafo | poeta”. Museu de Arte de Belém, 06 de agosto a 27 de setembro de 2015, p. 6-18. Disponível em < <http://mariodeandrade.art.br>. Acesso em 12 de abril de 2020.

Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade. Disponível em < <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/27436626385> > Acesso em 12 de abril de 2020a.

Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade. Disponível em <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/84201969945>. Acesso em 12 de abril de 2020b.

Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade. Disponível em < <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/search/foucault>. Acesso em 12 de abril de 2020c.

FURTADO, Lourdes G. *A história da Antropologia no Museu Goeldi*. 2015. Disponível em https://docs.google.com/document/d/1ajnCHVZmnH312fqqtfnCaD6bw8vuHUQwkMLJ4wE_u3o/pub. Acesso em 23 de dezembro de 2020.

GALVÃO, Eduardo. *Relatório set. 1968 – fev. 1969* in MPEG - Arquivo Guilherme de La Pena/CID/MCTI. Fundo Eduardo Galvão (FEG) - Cursos, Programas e Seminários. Pasta s/n. Caixa s/n. 1951-62.

_____. *Centro de Estudos Sociais e Culturais da Amazônia (CESCA)*. in MPEG - Arquivo Guilherme de La Pena/CID/MCTI. Fundo Eduardo Galvão (FEG) - Cursos, Programas e Seminários. Pasta s/n. Caixa s/n. 1951-62.

_____. *Relatório janeiro a junho 1957* in MPEG. Arquivo Guilherme de La Pena/CID/MCTI. Fundo Eduardo Galvão (FEG). Pasta:?. Caixa: ?. 1951-1962.

_____. *Relatório janeiro a dezembro 1962* in MPEG. Arquivo Guilherme de La Pena/CID/MCTI. Fundo Eduardo Galvão (FEG). Pasta:?. Caixa: ?. 1951-1962.

GOTLIB, Nádia. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: EDUSP, 2009.

GUIMARÃES, Maria; CASTRO, Edna. Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia. In: *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 6, n.2, 2011, p. 409-424.

KURY, Lorelai. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. In: *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 41, 2001, p. 157-172.

LEAL, Luiz Augusto. “*Nossos intelectuais e os chefes de mandinga*”: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). Salvador: Tese de Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, UFBA, 2011.

LEITÃO, Wilma. *Charles Wagley como articulador institucional*. Belém: Projeto de Pesquisa apresentado à Congregação do IFCH, UFPA, 2015.

LEITÃO, Wilma; RIBEIRO, Milton et al. As imagens de Itá – ou sobre os legados de Charles Wagley na Amazônia. In: *Revista Eletrônica Visagem*, v. 2, n. 1, 2016, p. 285-300. Disponível em http://grupovisagem.org/revista/edicao_v2_n1/memorias/as-imagens-de-ita/. Acesso em 23 de dezembro de 2020.

LISBOA, Karen. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. In: *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 29, 1995, p. 73-91.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. Memória da Antropologia da Amazônia ou como fazer ciência no “paraíso dos etnólogos”. In: Magalhães, Sônia; Silveira, Isolda; Santos, Antônio Maria (org.). *Encontro de Antropologia: homenagem a Eduardo Galvão*. Manaus: EDUA/MPEG, 2011, p. 72-104.

PACE, Richard. Charles Wagley. In: McGEE, R. Jon & WARMS, Richard L (ed.). *Theory in Social and Cultural Anthropology: An Encyclopedia*. Online. 2013. < <http://sk.sagepub.com/reference/theory-in-social-and-cultural-anthropology> > e SAGE Knowledge < <http://sk.sagepub.com/reference/theory-in-social-and-cultural-anthropology/n305.xml> > Acesso em 22 de junho de 2020.

_____. O legado de Charles Wagley: uma introdução. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 3, 2014, p. 597-602.

_____. Os Tapirapé, Tenetehara e gurupaenses através das lentes da máquina de Charles Wagley: uma análise de conteúdo. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 3, 2014, p. 675-694.

PEDROSA, Tatiana. A Amazônia e um duplo paradoxo - o inferno verde ou um novo Eldorado. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 19, p. 27-54, 2013.

Piauí. “O Brasil é mesmo um horror”. Correspondência. Edição 35, agosto de 2009. Disponível em < <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-35/correspondencia/o-brasil-e-mesmo-um-horror> > Acesso em 01 de abril de 2020.

PUCCINELLI, Bruno; RIBEIRO, Milton; REIS, Ramon; SOLIVA, Thiago. Sobre gerações e trajetórias: uma breve genealogia das pesquisas em Ciências Sociais sobre (homo)sexualidades no Brasil. In: *Pensata*, v. 4, n. 1, 2014, p. 9-45.

QUADROS, Eduardo. A “selvagem independência”: razão, pátria e colonização em duas viagens à amazônia – Alexander von Humboldt e Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História Social*, n. 10, 2003, p. 35-54.

RODRIGUES, Heliana. Michel Foucault no Brasil – esboços de história do presente. In: *Verve*, 19, 2011, p. 93-112.

RIBEIRO, Milton; FREIRE, Aldair. Os legados de Charles Wagley na Amazônia: circulação de intelectuais, formação em Antropologia e pontes interinstitucionais. In: *Anais Eletrônicos da 30a RBA*, João Pessoa-PB, 2016.

RIBEIRO, Milton; FREIRE, Aldair; FURTADO, Gabriela; SILVA, Lenita; CRUZ, Yuri; LEITÃO, Wilma. 2017. Imagens de Itá – uma aproximação à trajetória de Charles Wagley. Em: LEITÃO, Wilma (org.). *Legados de Charles Wagley na Amazônia*. Belém: EditAEDI, p. 276-292. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/137>. Acesso em 19 de junho de 2020.

SÁ, Samuel. Charles Wagley e Eduardo Galvão – Educadores de antropólogos. In: *Athropológicas*, ano III, v. 7, 1998, p. 74-78.

SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. In: *Revista Brasileira de História*, v. 29, n. 57, 2009, p. 91-114.

SCHADEN, Egon. Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. In: *Revista de Antropologia*, v. 15-16, 1967-1968, p. 77-89.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alberto. Os naturalistas viajantes da Amazônia. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/os-naturalistas-viajantes-na-amazonia/34543/> > Publicado em 18 MAR 2010. Acesso em 12 de abril de 2020.

SILVA, Anaíza Vergolino e. *O tambor das flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1965-1975)*. Belém: Paka-Tatu, 2015.

SILVA, Maria da Luz. *Viagens na minha terra: a Amazônia (re)visitada no inferno verde*. Manaus: Dissertação de Mestrado em Letras, UFAM, 2014.

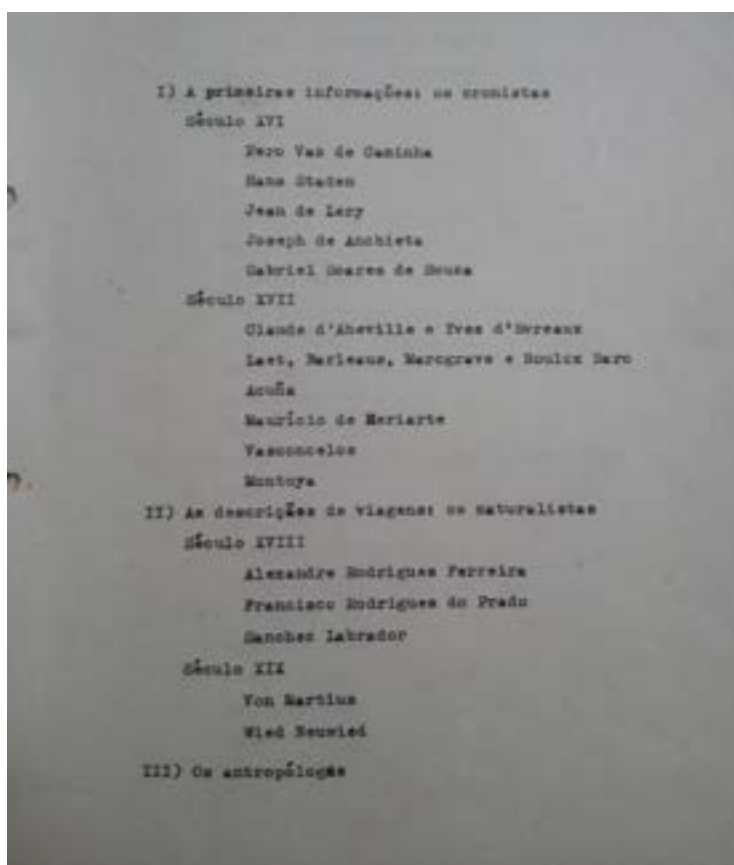
Simone de Beauvoir e... Jorge Amado. Disponível em < <https://avecbeauvoir.wordpress.com/2012/07/15/amigos1/> > Acesso em 12 de abril de 2020.

Este artigo é um produto da equipe do projeto de pesquisa “Charles Wagley como articulador institucional”, coordenado pela Profa. Dra. Wilma Leitão da Universidade Federal do Pará (UFPA), iniciado em 2015, e em atividade. A pesquisa principal tem por objetivo entender este antropólogo como “articulador entre diferentes instituições, brasileiras e estrangeiras e como agente fundamental na formação de pesquisadores voltados aos temas importantes para compreensão da região amazônica” (Leitão, 2015). O projeto conta com o apoio de três bolsistas de iniciação científica financiados pelo CNPq e UFPA e uma bolsista voluntária pesquisando: no Museu da UFPA, na Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, no Arquivo Geral do Instituto Evandro Chagas e na Biblioteca do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia da UFPA. A pesquisa é basicamente documental, bibliográfica e arquivística com vistas a uma reflexão etnográfica dos documentos e imagens, das passagens de C. Wagley pela Amazônia, numa tentativa de preencher as lacunas nas relações construídas entre o antropólogo e as instituições nacionais e estrangeiras e os modos de viver na região.

As imagens exibidas no presente texto encontram-se disponíveis em *University of Florida Digital Collections*, nos livros de Mariza Corrêa e no Dossiê “Um tributo a Charles

Wagley” do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, devidamente citados, e constantes nas referências.

As imagens tratam de um plano de curso básico de 1964/14 organizado por Arthur Napoleão Figueiredo, exatamente voltado para estagiários. Este curso é um dos predecessores do CESCO. E como estamos trabalhando com a questão do legado de Charles Wagley podemos perceber uma citação de Napoleão ao antropólogo americano como referência ao trabalho de campo e à pesquisa sistemática, concomitantemente, com outras/os estudiosas/os.



14 Momento em que a Divisão de Antropologia estava sobre a coordenação de Mario Ferreira Simões, pois Galvão estava na Universidade de Brasília (1963-1965); retornando apenas em fevereiro de 1966 ao MPEG.

